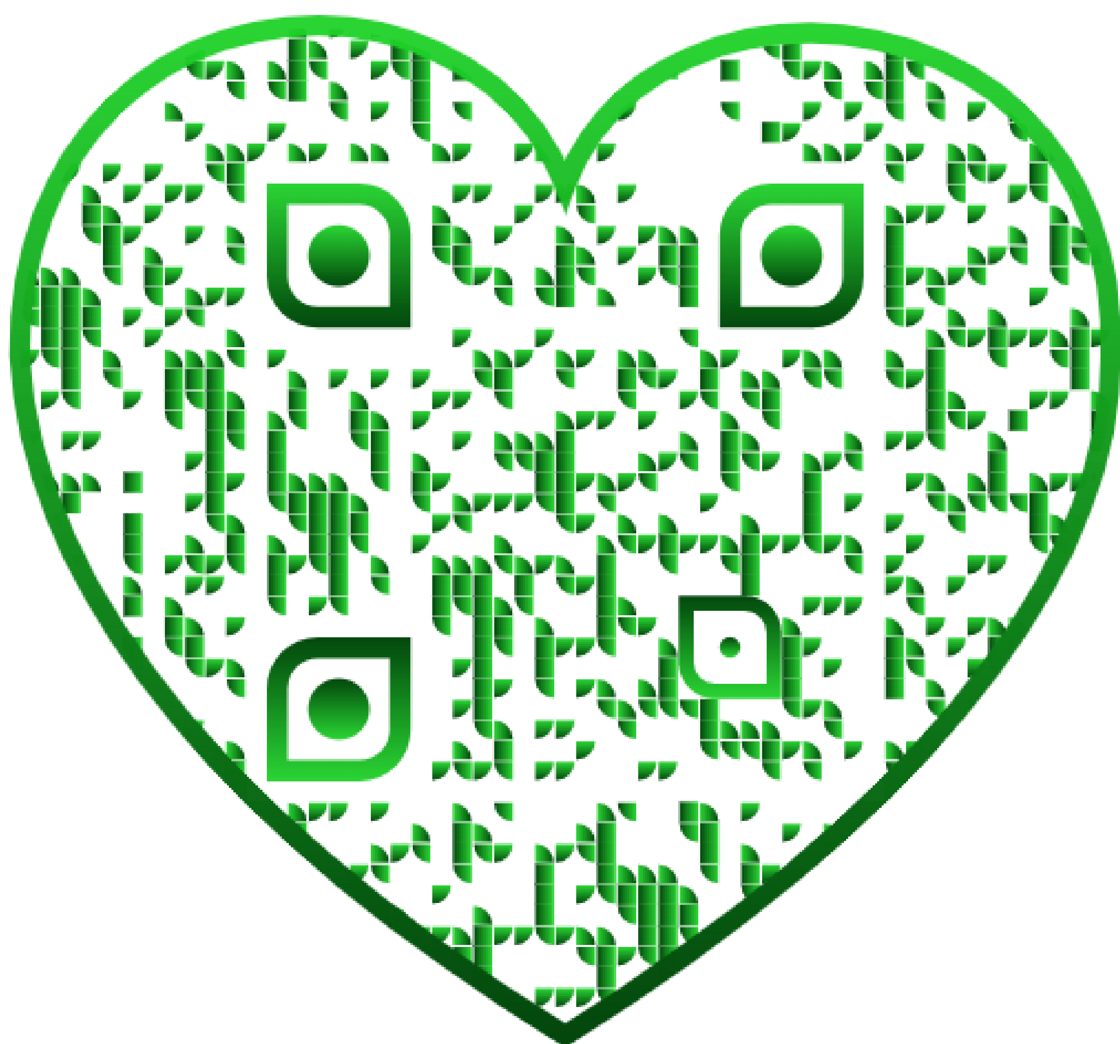
A Cor que Veio do Espaço

H.P. Lovecraft

A oeste de Arkham, as colinas se erguem virgens, e há vales profundos em que o machado jamais penetrou. Existem ravinas estreitas e escuras, onde as árvores assumem posturas fantásticas e correm pequenos regatos que jamais refletiram a luz do sol. Nas encostas mais suaves, há fazendas, velhas e pedregosas, com casas acaçapadas, cobertas de musgo, a meditarem eternamente nos segredos da Nova Inglaterra, abrigadas por grandes ressaltos; mas todas elas estão agora desabitadas, as amplas chaminés em ruínas e os lados cobertos de tabuinhas abaulando-se perigosamente sob os telhados baixos.

Os velhos habitantes se foram, e os forasteiros não gostam de viver lá. Tentaram-no os franco-canadenses, como também os italianos, e os poloneses vieram e se foram. Não é devido a alguma coisa que possa ser vista e tocada, mas por algo que é imaginado. O local não é bom para a imaginação e não traz sonhos repousantes de noite. Deve ser isto que mantém os forasteiros à distância, pois o velho Ammi Pierce nada lhes contou do que ele se lembra daqueles dias estranhos. Ammi, que há anos já não é certo da cabeça, é o único que ainda resta, ou que ainda fala daqueles dias estranhos; e ele só ousa fazê-lo porque sua casa está muito próxima dos campos abertos e das estradas em uso, na região de Arkham.

Antigamente existia um caminho entre as colinas e os vales, que desembocava onde hoje é a charneca crestada, mas o povo deixou de usá-la e construiu-se uma nova, que descreve uma ampla curva para o sul. Ainda se



encontram traços da antiga estrada entre as ervas de um abandono crescente, e alguns desses traços certamente permanecerão, quando metade das depressões forem inundadas para o novo reservatório. Então as florestas tenebrosas serão abatidas e a charneca crestada dormirá no fundo de águas azuis, cuja superfície espelhará o céu e ondulará a luz do sol. E os segredos daqueles dias estranhos fundir-se-ão com os segredos das profundidades, com os arcanos do velho mar e de todos os mistérios da terra primitiva.

Quando procurei as colinas e os vales a fim de fazer um levantamento para o novo reservatório, disseram-me que o local era maligno. Foi em Arkham que me disseram isto, e como Arkham é uma cidade muito velha, cheia de lendas de bruxaria, pensei que a malignidade devia ser algo que velhas avós vinham sussurrando às crianças através de séculos. O nome "charneca crestada" soava-me estranho e teatral, e admirei-me de como pudesse ter entrado no folclore do povo. Vi, então, com meus próprios olhos, o emaranhado de vales e encostas, e deixei de me admirar de tudo que não fosse o seu próprio velho mistério. Foi de manhã que vi, mas lá havia sempre sombras. As árvores cresciam agarradas demais e seus troncos eram grandes demais para um bosque da Nova Inglaterra. Havia silêncio demais nas sombrias aléias e o solo era macio demais, com o musgo úmido e a vegetação entrelaçada por anos infindos deterioração.

Nos lugares à luz do sol, principalmente à beira da estrada velha, havia pequenas fazendas nas vertentes das colinas; algumas com todas as casas de pé; outras com apenas uma ou duas; e às vezes com apenas uma solitária

chaminé e um porão cheio de detritos. As ervas e as sarças imperavam, e seres furtivos roçagavam na vegetação rasteira. Por cima de tudo, pairava uma névoa de intranqüilidade e opressão; um toque irreal e grotesco, como se um elemento vital da perspectiva ou do claro-escuro estivesse fora do lugar. Não me surpreendi de que os forasteiros não quisessem ficar; não era uma região para dormir. Parecia demasiadamente com uma paisagem de Salvador Rosa, ou com uma xilogravura proibida de um conto de terror.

Mas mesmo isto tudo não era tão ruim quanto à charneca crestada. Compreendi-o desde o momento em que a vislumbrei, no fundo de um largo vale, pois nenhum outro nome podia adaptar-se a tal coisa, nem outra coisa podia adaptar-se a tal nome. Era como se o poeta tivesse cunhado a frase após ter visto essa região particular. Deve ser a conseqüência de um incêndio, pensei ao vê-lo; mas por que nunca mais crescera coisa alguma nesses cinco acres de desolação cinzenta que se espraiavam sob o céu aberto como uma mancha de corrosão deixada por algum ácido nos bosques e nos campos? A maior parte ficava ao norte da estrada antiga, mas invadia um tanto o outro lado. Senti um estranha relutância de me aproximar, e acabei por fazê-lo apenas porque minha comissão me obrigava a atravessá-la. Não havia vegetação de qualquer espécie, na ampla área, mas sim, apenas uma fina poeira ou cinza que vento algum parecia jamais agitar. As árvores das cercanias eram doentias e enfezadas, e muitos troncos mortos se erguiam ou estavam a apodrecer no chão à sua beira. Ao caminhar apressado, vi os tijolos e pedras tombadas de uma velha chaminé e um porão à minha direita, bem como as fauces

escancaradas de um poço abandonado, cujas emanações estagnadas produziam estranhos efeitos à luz do sol. Mesmo a longa subida, através das escuras matas, parecia atraente, em comparação, e deixei de me admirar dos murmúrios temerosos da gente de Arkham. Não havia casas nem ruínas nas proximidades; mesmo nos velhos tempos o local devia ter sido solitário e abandonado. E ao crepúsculo, receoso de tornar a passar por aquele sítio nefasto, tomei o caminho mais longo da estrada do sul, ao voltar para a cidade. Senti um desejo indefinido de ver amontoarem-se nuvens, pois um estranho medo diante do firmamento infinito invadira-me a alma.

À noite, perguntei a alguns velhos de Arkham a respeito da charneca crestada e o que significava a expressão "dias estranhos", que tantos deles tartamudeavam evasivamente. Contudo, não consegui obter respostas satisfatórias, exceto que todo o mistério era muito mais recente do que eu imaginara. Não se tratava de velhas lendas, mas de algo que ocorrera durante a vida dos que falavam. Acontecera nos anos oitenta, e uma família desaparecera ou fora morta. Nenhum dos meus interlocutores foi preciso; e porque todos me aconselharam a não dar ouvidos às histórias doidas do velho Ammi Pierce, fui procurá-lo na manhã seguinte, tendo sido informado de que morava sozinho em um velho e cambaleante casebre, lá onde as árvores começam a ficar mais densas. Era um local assustadoramente arruinado e já começava a exsudar o odor um tanto mefítico que emana das casas demasiado velhas. Foi apenas após persistentes pancadas à porta que consegui fazer-me ouvir pelo ancião, e quando,

arrastando os pés, assomou à porta, percebi que não tinha prazer em me ver. Não era tão débil como eu imaginara; mas seus olhos descriam de forma curiosa, e seus trajes desarrumados e a barba branca desgrenhada davam-lhe um ar alquebrado e lúgubre.

Não sabendo como melhor induzí-lo a contar sua história, fingi ter vindo a negócios; falei do levantamento e fiz-lhe perguntas vagas a respeito da região. Era bem mais inteligente e educado do que eu fora levado a pensar, e em pouco tempo, compreendia tanto do assunto como qualquer dos outros homens com quem eu falara em Arkham. Não era como os aldeães que eu conhecera, em outros lugares onde seriam construídos reservatórios. Dele, não ouvi protestos contra o fato de serem erradicados quilômetros de velhas florestas e terras aráveis, se bem que talvez fosse devido a estar a sua casa localizada fora dos limites do futuro lago. Alívio era tudo quanto exibia; alívio diante do fim dos velhos e tenebrosos vales, através dos quais errara toda a sua vida. Era melhor que ficassem debaixo d'água — debaixo d'água, desde os dias estranhos. E após esse início sua voz rouquenha descaiu para um sussurro, enquanto seu corpo se inclinava para a frente e o seu indicador direito passou a apontar, trêmulo e impressionante.

Foi então que ouvi a história, e ao escutar a sua palavra divagante, áspera e sussurrante, tremi e voltei a tremer, apesar do dia de verão. Muitas vezes tive que reconduzir o orador para o fio de sua narrativa, interpretar trechos científicos que ele conhecia apenas através da memória falha de um papagaio, que repete as preleções de um professor, ou preencher lacunas, quando seu sentido de lógica e continuidade sofria um colapso.

Quando terminou, não me surpreendi que sua mente tivesse ficado afetada, ou que a gente de Arkham não gostasse de falar da charneca crestada. Apressei-me a voltar ao hotel antes do pôr do sol, pois não me apetecia ver as estrelas a surgir acima de mim, ao ar livre; e no dia seguinte voltei para Boston, a fim de renunciar ao meu posto. Não podia retornar àquele caos sombrio de florestas velhas e encostas ou voltar a enfrentar a cinzenta charneca crestada, onde o poço negro escancarava a goela, ao lado de tijolos e pedras tombadas. O reservatório será agora construído em breve, e os antigos segredos estarão a salvo sob braças de água. Mas mesmo assim não me apraz a idéia de visitar o local de noite — pelo menos não quando estiverem brilhando as sinistras estrelas; e nada me induziria a beber a nova água municipal de Arkham.

Tudo teve início, disse o velho Ammi, com o meteorito. Antes dessa época, não corriam lendas fantásticas desde os tempos do julgamento das bruxas, e mesmo então os bosques do oeste não eram tão temidos como a pequena ilha do Miskatonic, onde o diabo presidia reuniões ao pé de um curioso altar de pedras, mais antigo do que os índios. Não havia florestas assombradas, e o crepúsculo fantástico jamais fora terrível, antes dos dias estranhos. Foi então que, ao meio dia, surgira a nuvem branca, a cadeia de explosões no ar e a coluna de fumaça vinda do vale, nas entranhas da floresta. E à noite, toda Arkham ouvira da grande pedra que caíra do céu e afundara na terra ao lado do poço da casa de Nahum Gardner. Era a casa onde mais tarde seria a charneca crestada — a casa branca e bem cuidada de Nahum Gardner, entre os seus férteis jardins e pomares.

Nahum fora à cidade para contar a respeito da pedra e, no caminho, passara pela casa de Ammi Pierce. Ammi tinha então quarenta anos e todos os estranhos acontecimentos ficaram firmemente gravados na sua memória. Ele e sua mulher haviam ido com os três professores da Universidade de Miskatonic, que chegaram às pressas na manhã seguinte, para ver o fantástico visitante do remoto espaço sideral e estranharam que, na véspera, Nahum o tivesse descrito como grande. Encolheu, disse Nahum, apontando para a grande escavação de tonalidade castanha, na superfície da terra fendida, e da grama carbonizada, perto da arcaica cegonha do poço, no jardim da frente, mas os sábios responderam que as pedras não encolhem. O seu calor persistia, e Nahum afiançou que a pedra ardia levemente na noite. Os professores experimentaram-na com um martelo de geólogo e acharam-na estranhamente mole. Na verdade, era mole a ponto de ser plástica; era mais fácil arrancar-lhe pedaços do que lascá-la, e foi um espécime arrancado que levaram ao laboratório da universidade. Levaram-no em um velho balde tirado da cozinha de Nahum, pois mesmo o pedaço pequeno não queria esfriar. Na caminhada de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e quedaram-se pensativos quando a Sra. Pierce observou que o fragmento estava ficando menor e queimando o fundo do balde. Na verdade, não era grande, mas talvez tivessem levado menos do que pensaram.

No dia seguinte — tudo isso aconteceu em junho de 1882 — os professores tornaram a aparecer, grandemente alvoroçados. Ao passarem pela casa de Ammi, contaram-lhe das coisas esquisitas que o espécime

fizera, e como desaparecera completamente ao ser colocado em um recipiente de vidro. O recipiente se fora também, e os sábios homens falaram da afinidade da estranha pedra pelo silício. Agira de forma inacreditável naquele laboratório bem-organizado; não reagindo nem liberando gases oclusivos quando aquecido no carvão vegetal, mostrando-se inteiramente negativo na pérola de borato de sódio, pouco depois, exibindo total não-volatilidade em qualquer temperatura possível, inclusive a do maçarico de oxi-hidrogênio. Na bigorna mostrou-se de alta maleabilidade, e no escuro a sua luminosidade era pronunciada. Recusando-se obstinadamente a arrefecer, em breve toda a faculdade se achava em um estado de verdadeiro alvoroço; e quando, ao ser aquecido diante do espectroscópio, mostrou brilhantes faixas diferentes de todas as cores conhecidas do espectro, falou-se ofegantemente de novos elementos, bizarras propriedades ópticas e outras coisas que cientistas intrigados costumam dizer, quando face a face com o ignoto.

Quente como estava, testaram o espécime em um cadinho, com todos os reagentes indicados. A água não o afetou. Nem o ácido hidroclorídrico. O ácido nítrico e mesmo a aquaregia apenas chiaram e respingaram contra a sua tórrida invulnerabilidade. Ammi teve dificuldade em lembrar-se de tudo isso, mas reconheceu alguns dos solventes quando os mencionei na ordem costumeira de uso. Amoníaco e soda cáustica, álcool e éter, o nauseabundo dissulfito de carbono e uma dúzia de outras substâncias; mas, se bem que o peso diminuía constantemente à medida que o tempo passava, e o fragmento parecia estar esfriando ligeiramente, não se

percebia qualquer alteração nos solventes para mostrar que a substância fora atacada de todo. Contudo, não havia dúvida de que se tratava de um metal. Em primeiro lugar, era magnético, e após imersão nos solventes ácidos deixava transparecer tênues traços das figuras de Widmänstätten encontradas, em ferro meteórico. Quando o esfriamento se havia tornado considerável, as experiências continuaram em vidro; e foi em um recipiente de vidro que deixaram todas as lascas tiradas do fragmento original, durante o trabalho. Na manhã seguinte, tanto as lascas como o recipiente haviam desaparecido sem deixar vestígio, e apenas uma queimadura assinalava o lugar na estante de madeira onde haviam sido colocados.

Tudo isso os professores contaram a Ammi ao pararem à sua porta, e mais uma vez ele acompanhou-os em uma visita ao pétreo mensageiro das estrelas, embora nessa oportunidade a mulher não o acompanhasse. A pedra sem dúvida encolhera, e mesmo os cautelosos professores não podiam contestar a verdade com que se deparavam. Em torno do montículo minguante, perto do poço, havia um espaço vazio, exceto nos lugares em que a terra cedera; e, ao passo que na véspera medira uns bons dois metros de diâmetro, agora mal excedia um metro e meio. Ainda estava quente, e os sábios estudaram a sua superfície com curiosidade, ao separarem um outro pedaço maior, com martelo e talhadeira. Desta vez, apertaram profundamente, e ao separarem o fragmento menor, viram que o centro do objeto não era totalmente homogêneo.

Haviam posto a descoberto o que parecia ser o lado de um grande glóbulo colorido, engastado dentro

da substância. A cor, que se assemelhava a algumas das faixas no estranho espectro do meteoro, era quase impossível de descrever; e apenas por analogia a chamavam de cor. Sua contextura era lustrosa, leves pancadas revelaram que era tanto quebradiço como oco. Um dos professores acertou-lhe uma pancada com um martelo, e o glóbulo rebentou com um pequeno estalido nervoso. Nada resultou e a coisa toda desapareceu com a punctura, deixando atrás de si um espaço esférico vazio, cerca de três polegadas de diâmetro, e todos acharam provável que outros glóbulos seriam descobertos à medida em que se esvanecia a substância circundante.

Conjeturas de nada adiantavam; e assim, após uma tentativa inútil para encontrar outros glóbulos, por meio de punctura, os pesquisadores se foram com o seu novo espécime, que se revelou tão desconcertante no laboratório como o seu predecessor. À parte o fato de ser quase plástico, possuir calor, magnetismo e uma ligeira luminosidade, de esfriar um pouco em ácidos poderosos, de ter um espectro desconhecido, e de atacar os compostos de silício, tendo como resultado a destruição mútua, não apresentava quaisquer características de identificação; e no fim dos testes, os cientistas da Universidade viram-se obrigados a confessar que não sabiam classificá-lo. Não era deste mundo, mas um pedaço de outro universo, e portanto possuído de outras propriedades e obediente a outras leis.

Naquela noite houve uma tempestade, e quando os professores, na manhã seguinte, foram à casa de Nahum, tiveram uma amarga decepção. A pedra, por magnética que tivesse sido, devia ter tido alguma propriedade elétrica especial, pois “atraíra o relâmpago”,

segundo se expressou Nahum, com estranha persistência. Por seis vezes, no espaço de uma hora, o fazendeiro viu raios acertando o sulco, no pátio da frente, e quando a tormenta havia passado, nada restara senão uma cova irregular, junto da velha cegonha do poço, parcialmente soterrada.

De nada adiantavam as escavações, e os cientistas se certificaram do desaparecimento total. O fracasso foi completo, e nada havia a fazer senão regressar ao laboratório e voltar a testar o fragmento esvaecente, que fora deixado cuidadosamente envolto em chumbo. O fragmento durou uma semana e findo esse prazo nada de útil fora aprendido dele. Ao desaparecer, não deixou qualquer resíduo, e com o tempo os professores quase não mais podiam acreditar que realmente tinham visto, com seus próprios olhos, aquele vestígio críptico dos insondáveis abismos do espaço; aquela mensagem solitária e fantástica de outros universos e outras regiões de matéria, força e entidade.

Como era natural, os jornais de Arkham exploraram o incidente e seu patrocínio universitário, e enviaram repórteres para falar com Nahum Gardner e sua família. Pelo menos um diário de Boston mandou também um jornalista, e Nahum em pouco tempo transformou-se em uma celebridade local. Era um homem magro, jovial, de cerca de cinqüenta anos, que vivia com a mulher e três filhos em uma aprazível granja no vale. Ele e Ammi se visitavam freqüentemente, e o mesmo faziam suas mulheres; e Ammi não tinha para ele senão elogios depois de todos esses anos. Parecia orgulhar-se um tanto da atenção que sua casa atrairá e nas semanas seguintes falava repetidamente do

meteorito. Agosto e julho daquele ano foram quentes, e Nahum trabalhou duramente, fazendo feno no seu pasto de dez acres, em frente do Córrego Chapman; sua carroça chocalhante abria sulcos profundos nas umbrosas veredas próximas. O trabalho cansava-o mais do que em outros anos; já sentia os efeitos da idade.

Em seguida veio a época da colheita. Vagarosamente as peras e maçãs amadureciam, e Nahum jurou que os seus pomares prosperavam como jamais. As frutas atingiam tamanhos fenomenais e ostentavam brilho inusitado; e eram tão abundantes que foram encomendados barris suplementares para a futura colheita. Mas com o amadurecimento veio a, cruel decepção, pois em toda aquela luxuriante mostra de suculência ilusória não havia só um pedaço que pudesse ser comido. No delicado sabor das peras e maçãs introduzira-se uma furtiva amargura e insalubridade, causando, mesmo os menores pedaços, prolongada náusea. O mesmo se deu com os melões, e Nahum compreendeu com tristeza que toda a sua colheita estava perdida. Ligando os acontecimentos, afirmou que o meteorito envenenara o solo, e agradeceu a Deus por se achar a maioria das outras plantações em terras mais acima, ao longo da estrada.

O inverno chegou cedo e foi rigoroso. Ammi via Nahum com menos freqüência do que antes, e notou-lhe um ar de apreensão. Também o resto da família parecia ter-se tornado taciturno, e tinha deixado de ser constante nas suas visitas à igreja e no seu comparecimento aos vários acontecimentos sociais da região. Ninguém sabia determinar a causa dessa reserva ou melancolia, se bem que, vez por outra, toda a família se queixava da saúde e

de estar atacada de uma vaga sensação de intranqüilidade. Foi o próprio Nahum que se mostrou o mais preciso de todos ao dizer que certas pegadas na neve o deixavam desassossegado. Eram as costumeiras pegadas de inverno de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o pensativo fazendeiro afirmava ver algo de errado na sua natureza e disposição. Jamais foi específico, mas parecia pensar que não eram tão características, como deviam ser, da anatomia e hábitos dos esquilos, coelhos e raposas. Ammi ouvia suas palavras sem interesse, até passar certa noite de trenó, pela casa de Nahum. A lua brilhava e um coelho atravessara a estrada, mas os saltos do animal eram longos demais para o gosto tanto de Ammi como de seu cavalo. Este último, na verdade, ia-se pondo em fuga, quando foi retido por uma rédea firme. A partir de então, Ammi passou a ouvir as histórias de Nahum com mais respeito, e cismava porque os cães dos Gardner pareciam tão trêmulos e acovardados toda manhã. Segundo se soube, tinham perdido até o ânimo para latir.

Em fevereiro, os rapazes McGregor foram caçar marmotas, e perto da casa dos Gardner abateram um espécime muito peculiar. As proporções de seu corpo pareciam levemente alteradas, de um modo esquisito, impossível de descrever, ao passo que sua cara assumira uma expressão que ninguém jamais vira em uma marmota. Os meninos ficaram verdadeiramente assustados e sem delongas jogaram fora o animal, de modo que apenas os seus relatos grotescos chegaram aos ouvidos da gente da região. Mas o passarinhar de cavalos perto da casa de Nahum tornara-se fato admitido, e toda uma base para um ciclo de lendas sussurradas estava

tomando forma.

Havia gente que jurava que a neve em torno da casa de Nahum derretia mais rapidamente do que em qualquer outro local, e no princípio de março houve uma discussão aterrorizada no empório de Potter, em Clark's Corners. Stephen Rice passara pela casa dos Gardner, de manhã, e notara certas aráceas despontando através da lama, entre as árvores, do outro lado da estrada. Coisas de igual tamanho jamais haviam sido vistas e suas estranhas cores não podiam ser traduzidas em palavras. Sua forma era monstruosa, e o cavalo bufou diante de um odor que impressionou Stephen como inteiramente sem precedentes. Naquela tarde, várias pessoas foram visitar as excrescências, e todas concordaram em que plantas dessa espécie jamais deveriam ter surgido em um mundo normal. As frutas ruins do outono passado foram mencionadas com freqüência, e de boca em boca espalhou-se a notícia de que havia veneno nas terras de Nahum. Naturalmente, era o meteorito, e lembrando-se de como a pedra parecera estranha aos homens da universidade, alguns fazendeiros lhes falaram a respeito do assunto.

Um dia foram visitar Nahum; mas, pouco interessados em histórias fantásticas e folclore, foram muito conservadores em suas deduções. As plantas, sem dúvida, eram esquisitas, mas todas as aráceas são mais ou menos esquisitas em suas formas e matizes. Talvez algum elemento mineral da pedra tivesse penetrado no solo, mas em breve seria levado pelas águas. Quanto às pegadas e aos cavalos assustados — naturalmente não passava de conversa de camponeses, que um fenômeno como o aerólito inevitavelmente suscitaria. Na realidade,

nada havia que homens sérios pudessem fazer diante de bisbilhotices absurdas, pois um campônio supersticioso é capaz de dizer e acreditar em tudo. E assim, por todos aqueles dias estranhos, os professores se conservaram afastados, cheios de desdém. Apenas um deles, ao receber, um ano e meio mais tarde, dois frascos contendo poeira, para análise, em um caso policial, lembrou-se de que a cor esquisita das aráceas fora muito semelhante às anômalas faixas de luz, mostradas pelo fragmento do meteoro, no espectroscópio da universidade, e ao frágil glóbulo encontrado dentro da pedra vinda do abismo. As espécimes, nessa análise apresentaram, a princípio, as mesmas faixas estranhas, perdendo mais tarde essa propriedade.

As árvores em torno da casa de Nahum floresceram prematuramente, e à noite balouçavam-se ao vento de forma sinistra. Thaddeus, o segundo filho de Nahum, um rapaz de quinze anos, jurou que também balouçavam quando não havia vento; mas nem os faladores acreditavam nisso. Contudo, era certo que havia intranqüilidade no ar. Toda família Gardner adquiriu o hábito de escutar furtivamente, se bem que por som algum que pudessem definir conscientemente. Esse ato de escutar, na verdade, era mais um produto dos momentos quando a consciência parecia fugir em parte. Infelizmente, esses momentos cresciam de semana para semana, até que se tornou comum dizer "que todos os Gardner estavam ruins". Quando nasceu a primeira saxífraga, ostentava outra cor estranha; não bem igual à das aráceas, mas claramente semelhante e igualmente desconhecida de todos. Nahum levou alguns botões para Arkham e mostrou-os ao editor da Gazette, mas aquele

dignitário não fez senão escrever um artigo humorístico, a respeito, em que os tenebrosos receios dos camponeses eram elegantemente ridicularizados. Foi um erro de Nahum contar a um obstinado citadino como as monstruosas borboletas se comportavam em relação a essas saxífragas.

Abril causou uma espécie de loucura entre a gente local, e foi então que se começou a deixar de usar a estrada que passava pela casa de Nahum, até o seu completo abandono. A culpa era da vegetação. Todas as árvores do pomar floresceram em cores estranhas, e, através do solo pedregoso do pátio e do pasto adjacente, brotaram bizarras excrescências, que apenas um botânico poderia relacionar com a flora verdadeira da região. Não se viam cores normais e sadias exceto na verde relva e na folhagem; mas em todo lugar existiam essas violentas variantes prismáticas de uma doentia tonalidade, que não encontrava lugar entre os matizes conhecidos na terra. As jarrinhas transformaram-se em sinistra ameaça, e as sanguinárias tornaram-se insolentes em sua perversão cromática. Ammi e os Gardners achavam que a maioria das cores tinha uma espécie de familiaridade obcecante, e chegaram à conclusão de que fazia lembrar o frágil glóbulo no meteoro. Nahum arou e semeou o pasto de dez acres e o terreno mais afastado, mas deixou em paz a terra em torno da casa. Sabia que de nada adiantaria e esperava que as estranhas plantas do verão sugassem toda peçonha do solo. Estava preparado agora para praticamente tudo, e habituara-se à sensação da existência de algo, nas proximidades, que queria ser ouvido. O fato de ser sua casa evitada pelos vizinhos afetou-o, naturalmente; mas afetou-lhe ainda mais a

mulher. Os rapazes estavam em melhor situação, pois iam à escola todos os dias; contudo não podiam deixar de se assustar com o que se falava. Thaddeus, um rapaz especialmente sensível, era o que mais sofria.

Em maio chegaram os insetos, e o sítio de Nahum transformou-se em um pesadelo de seres que zumbiam e rastejavam. As criaturas, na maioria, pareciam diferentes em seu aspecto e movimentos, e seus hábitos noturnos contradiziam todas as experiências anteriores. Os Gardners deram para vigiar de noite — vigiar de todos os lados, a esmo, à espera de algo, algo que não sabiam o que era. Foi então que reconheceram que Thaddeus tivera razão a respeito das árvores. A Sra. Gardner foi a segunda pessoa a notá-lo através da janela, ao observar os galhos intumescidos de um ácer, contra o céu iluminado pelo luar. Não havia dúvida de que os ramos se moviam. Na certa era a seiva. O inexplicável invadira agora toda a vegetação. No entanto, não foi um membro da família de Nahum que fez a descoberta imediata. A familiaridade entorpecera-os, e o que eles não podiam ver foi notado por um tímido vendedor de moinhos, de Boston, que, desconhecendo as lendas da região, por lá passou certa noite. O que ele relatou em Arkham mereceu um curto parágrafo na Gazette, e foi através do jornal que todos os fazendeiros, inclusive Nahum, tomaram conhecimento do fato. A noite fora escura e fraca, à luz das lanternas da pequena carruagem, mas em torno de uma fazenda do vale, que todos deduziram ser a de Nahum, a escuridão era menos densa. Uma luminosidade tênue, mas distinta, parecia emanar de toda a vegetação, relva, folhas e flores, ao passo que, em dado instante, um fragmento de fosforescência parecia

mover-se furtivamente, no pátio perto do celeiro.

Até então, a grama parecia não ter ficado afetada, e as vacas pastavam à vontade nas terras perto da casa; mas, pelo fim de maio, o leite ficou ruim. Nahum mandou levar as reses para os terrenos mais afastados, e o problema desapareceu. Pouco depois, a transformação da grama e das folhas tornou-se evidente. Todo verde estava ficando cinzento e adquirindo uma qualidade muito singular de fragilidade. Ammi era o único a visitar o lugar e as suas visitas se tornavam cada vez menos freqüentes. Quando a escola fechou, os Gardners estavam virtualmente desligados do mundo, e às vezes deixavam Ammi fazer as suas compras na cidade. Pareciam estar degenerando tanto física como mentalmente, e ninguém ficou surpreendido quando passou a circular a nova, de que a Sra. Gardner havia enlouquecido.

Isto aconteceu em junho, cerca um ano depois da queda do meteoro, e a pobre mulher, aos berros, falava de coisas no ar que ela não podia descrever. Em seus delírios não havia um só substantivo específico, mas apenas verbos e pronomes. Coisas se mexiam, mudavam e esvoaçavam, e ouvidos vibravam com impulsos que não eram bem sons. Algo estava sendo levado — estava sendo extraído dela — algo que não devia existir estava se agarrando a ela — alguém devia afastá-lo — nada ficava quieto de noite — as paredes e as janelas se moviam. Nahum não a internou no hospício municipal, mas deixou-a errar pela casa, enquanto não causasse mal a si mesma ou aos outros. Mesmo quando sua expressão se alterou, ele nada fez. Mas quando os rapazes passaram a receá-la, e Thaddeus quase desmaiou com as caretas que ela lhe fazia, Nahum decidiu trancá-la no sótão. Em

julho, deixara de falar e rastejava de quatro, e antes do fim do mês Nahum teve a monstruosa impressão de que ela brilhava levemente no escuro, da mesma forma como a vegetação circunvizinha, fato que se tornara óbvio.

Foi um pouco antes disso que os cavalos debandaram. Algo os assustara de noite, e seus relinchos e coices na cocheira haviam sido terríveis. Não havia como tranqüilizá-los e quando Nahum abriu a porta do estábulo, dispararam como corças assustadas. Foi necessária uma semana para localizá-los, e quando foram achados não mais serviam para coisa alguma. Algo lhes afetara o cérebro e todos tiveram de ser sacrificados. Nahum tomou emprestado um cavalo de Ammi para fazer feno, mas o animal não queria aproximar-se do celeiro, recuando, empacando e relinchando, e no fim não pôde fazer mais do que levá-lo ao pátio, enquanto os homens usavam de suas próprias forças para aproximar a carroça do palheiro, para permitir o carregamento. Enquanto isso, a vegetação se tornava cada vez mais cinzenta e frágil. Mesmo as flores, cujos matizes eram tão estranhos, adquiriam tom cinza, e as frutas nasciam cinzentas, enfezadas e sem sabor. Os astropólios e as varas de ouro tomavam a mesma cor e pareciam deformados, e as rosas, zínias e malva-rosas, do pátio fronteiro, eram coisas de aparência tão revoltante que Zenas, o filho mais velho de Nahum, resolveu cortá-las. Os insetos, estranhamente inchados, morreram na mesma época, e até as abelhas haviam abandonado suas colméias, partindo para a floresta.

Em setembro, toda a vegetação estava se desfazendo em pó cinzento, e Nahum receava que as árvores morressem antes de todo o veneno ter saído do

solo. Sua mulher tinha agora acessos de berros terríveis, e ele e os rapazes viviam em um estado de constante tensão nervosa. Evitavam seus semelhantes agora, e quando a escola reabriu, os rapazes não voltaram a freqüentá-la. Mas foi Ammi, em uma de suas visitas, o primeiro a compreender que a água do poço não mais era aproveitável. Tinha um sabor ruim, que não era exatamente fétido nem exatamente salgado, e Ammi aconselhou o amigo a cavar um outro poço, em terreno mais alto, até que o solo voltasse ao normal. Nahum, porém, não deu atenção à advertência, pois àquela época já se acostumara a coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os rapazes continuaram a usar a água contaminada, bebendo-a tão indiferente e mecanicamente como comiam as suas magras e mal-preparadas refeições e cumpriam suas tarefas ingratas e monótonas, durante os dias intermináveis. Havia neles todos uma espécie de resignação impassível, como se estivessem em um outro mundo, a passar entre fileiras de sinistros guardas, a caminho de um fim inevitável e familiar.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma visita ao poço. Fora levando um balde e voltara de mãos vazias, urrando e agitando os braços, por vezes dando risadas insanas ou falando, em um sussurro, a respeito "das cores que se moviam lá embaixo". Dois loucos em uma família era bem ruim, mas Nahum se mostrou muito corajoso. Deixou o menino à solta durante uma semana, mas quando ele começou a tropeçar e a se ferir, trancou-o em um quarto do sótão, em frente do ocupado pela mãe. O modo como gritavam um para o outro, atrás de suas portas trancadas, era assustador, especialmente para o pequeno Merwin, o qual julgava

ouvi-los usar uma língua terrível, que não era deste mundo. Merwin estava-se tornando tremendamente imaginativo, e a sua inquietude agravou-se após o trancafiamento do irmão, que era o seu maior companheiro de brinquedos.

Quase à mesma época começou a mortandade entre os animais. As aves tornavam-se cinzentas e morriam rapidamente; no talho, sua carne mostrou-se dura e fétida. Os porcos engordaram descomedidamente, e de súbito passaram a sofrer transformações repelentes, que ninguém podia explicar. Sua carne, naturalmente, era inaproveitável, e Nahum não mais sabia o que fazer. Nenhum veterinário rural queria aproximar-se do lugar, e o veterinário municipal de Arkham estava francamente perplexo. Os porcos começaram a ficar cinzentos e frágeis, desfazendo-se antes de morrer, e seus olhos e focinhos mostraram mudanças peculiares. O fato era inexplicável, pois jamais tinham sido alimentados com a vegetação contaminada. A seguir, algo atingiu as vacas. Certas áreas ou, às vezes o corpo todo, ficavam incrivelmente murchos ou comprimidos, e colapsos impressionantes e desintegração tornaram-se comuns. Na última fase — e o resultado era sempre a morte — ficavam cinzentas e frágeis, como os porcos. Não era possível que se tratasse de veneno, pois todos os casos ocorreram em um celeiro fechado, do qual ninguém se aproximava. Não foram mordidas que transmitiram o vírus, pois que animal da terra pode atravessar obstáculos sólidos? Devia tratar-se apenas de doença natural — mas ninguém podia sequer adivinhar a natureza da doença que pudesse causar tais estragos. Quando chegou a época da colheita, não havia um só

animal vivo no local, pois o gado e as aves estavam mortos e os cachorros haviam fugido. Estes tinham desaparecido certa noite e jamais se voltou a ouvir deles. Os cinco gatos haviam partido antes, mas sua ausência mal foi sentida, já que parecia não haver mais ratos, e apenas a Sra. Gardner votava algum carinho aos graciosos felinos.

No dia dezenove de outubro, Nahum entrou cambaleante na casa de Ammi, com notícias terríveis. A morte viera buscar o pobre Thaddeus, no quarto do sótão, e viera de uma forma que não podia ser relatada. Nahum abrira uma cova no pequeno cemitério cercado, atrás da fazenda, e lá pusera o que havia achado. Nada poderia ter entrado de fora, pois a pequena janela gradeada e a porta trancada estavam intactas; mas tudo era semelhante ao ocorrido no celeiro. Um terror violento parecia cercar os Gardners e tudo quanto tocavam, e a mera presença de um deles na casa era como um sopro de regiões sem nome e inomináveis. Foi com a maior relutância que Ammi acompanhou Nahum até a casa, e fez o que pôde para acalmar o choro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisava ser acalmado. Ultimamente, não fazia nada além de olhar fixamente para o ar e obedecer as ordens do pai; e Ammi achou que o destino se mostrara misericordioso com ele. Vez por outra, os gritos de Merwin suscitavam uma resposta débil do sótão, e em resposta a um olhar inquiridor, Nahum disse que sua mulher estava ficando muito fraca. Ao cair da noite, Ammi conseguiu fugir; nem mesmo a amizade poderia levá-lo a quedar-se naquele lugar, quando as plantas começassem a irradiar a sua fraca luminosidade e as árvores se pusessem a balouçar, com

ou sem vento. Ammi tinha sorte em não ser mais imaginativo. Mesmo assim, sua mente ficou levemente afetada. Mas se tivesse podido relacionar e refletir sobre todos os presságios em seu entorno, teria inevitavelmente ficado loucamente furioso. Correu para casa no crepúsculo, com os berros da louca e da criança nervosa ecoando horrendamente em seus ouvidos.

Três dias depois, cedo de manhã, Nahum irrompeu pela cozinha de Ammi, e na ausência do dono da casa, a gaguejar, fez um novo relato de desespero, que a Sra. Pierce ouvira com crescente pavor. Desta feita, tratava-se do pequeno Merwin. Desaparecera. Sairá tarde da noite, com um lampião e um balde, em busca de água, e não regressara. Há dias já vinha se desintegrando mentalmente e mal sabia o que lhe ia em redor. Gritava o tempo todo. O pai escutara um berro frenético do pátio, mas antes que pudesse chegar à porta, o menino desaparecera. Não se via a luz da lanterna que havia levado, e da criança, nem traço. Na hora, Nahum pensou que o lampião e o balde também haviam desaparecido; mas quando rompeu a aurora, e o homem vinha voltando de sua busca, nos bosques e campos, encontrou alguns objetos muito curiosos perto do poço. Havia uma pequena massa de ferro esmagado e aparentemente levemente fundido que, sem dúvida, era o lampião; ao passo que uma alça vergada e alguns aros de ferro retorcidos, tudo meio derretido, pareciam constituir os restos do balde. Era só. Nahum perdera a capacidade de imaginar, a Sra. Pierce estava prestes a desmaiar, e Ammi, ao chegar em casa e ouvir o relato, não sabia o que dizer. Merwin se fora, e de nada adiantava falar com a gente das cercanias, que agora evitava todos os

Gardners. Tão pouco adiantava falar com a gente da cidade de Arkham, que ria de tudo. Thad se fora, e agora também Merwin. Algo se acercava, algo que queria ser visto e ouvido. Nahum iria dentro em breve, e pediu a Ammi que cuidasse da mulher e de Zenas, caso lhe sobrevivessem. Na certa, era algum julgamento, se bem que não pudesse imaginar por que, pois, ao que sabia, sempre caminhara nas veredas do Senhor.

Por duas semanas, Ammi não viu Nahum; depois, preocupado com o que lhes poderia ter sucedido, venceu seus temores e visitou a casa dos Gardner. Não se via fumaça na grande chaminé, e por um momento receou o pior. O aspecto da fazenda toda era impressionante — grama e folhas cinzentas e fenecidas pelo chão; a hera caindo em fragmentos frágeis, de paredes e frontões arcaicos, e grandes árvores nuas procurando atingir o céu plúmbeo de novembro com uma malevolência estudada, que, Ammi não pôde deixar de sentir, provinha de uma sutil mudança na inclinação dos ramos. Mas, Nahum vivia. Estava fraco, deitado em um sofá na cozinha de teto baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar instruções simples a Zenas. Fazia um frio mortal no recinto, e quando Ammi tremeu visivelmente, o dono da casa, em voz rouquenha, deu ordens a Zenas para trazer mais lenha. Na verdade, a lenha era urgentemente necessária, pois a cavernosa lareira estava apagada e vazia, e uma nuvem de fuligem esvoaçava com o vento que descia pela chaminé. Pouco depois, Nahum perguntou se a lenha o fizera sentir-se mais confortável, e então Ammi compreendeu o que acontecera. A corda mais resistente rompera-se, por fim, e o cérebro do infeliz fazendeiro estava imune contra novas aflições.

Interrogando-o cuidadosamente, Ammi não conseguiu obter informações claras acerca do desaparecido Zenas. "No poço — ele vive no poço" era tudo quanto o obnubilado pai repetia. Um pensamento súbito a respeito da esposa louca atravessou a mente de Ammi, e ele mudou a tática de suas perguntas. "Nabby? Ora, aqui está", foi a resposta surpreendida de Nahum, e Ammi compreendeu que ele mesmo teria de procurá-la. Deixando o pobre homem a balbuciar coisas sem nexo, tirou as chaves dependuradas em um prego ao lado da porta e subiu a escada rangente até o sótão. O ar em cima era abafado e fétido, e não se ouvia qualquer ruído. Das quatro portas à vista, apenas uma estava trancada, e ele experimentou várias das chaves da argola que apanhara. A terceira chave era a certa, e após algumas tentativas, Ammi abriu a porta branca e baixa.

Lá dentro estava escuro, pois a janela era pequena e semi-obscurecida pelas toscas barras de madeira, e Ammi não conseguiu distinguir coisa alguma sobre o assoalho, construído de tábuas largas. O fedor era insuportável, e antes de prosseguir, teve que ir até outro quarto para voltar com os pulmões cheios de ar respirável. Quando tornou a entrar, viu alguma coisa escura no canto, e ao vê-la mais claramente soltou um grito. Enquanto gritava, parecia-lhe que uma nuvem momentânea encobrira a janela, e um segundo mais tarde sentiu-se roçado, como por alguma emanação nauseabunda. Estranhas cores dançavam diante de seus olhos, e se não estivesse entorpecido por um sentimento de horror, ter-se-ia lembrado do glóbulo, no meteoro, estilhaçado pelo martelo do geólogo, e da mórbida vegetação que surgira na primavera. No momento,

porém, pensou apenas na monstruosidade repugnante com que se defrontava, e que obviamente partilhara da sorte inominável do jovem Thaddeus e dos animais. Mas o fato terrível era que o objeto se movia vagarosa e perceptivelmente, enquanto continuava a se desfazer.

Ammi não queria dar-me maiores detalhes da cena, mas a forma no canto não reaparece no seu relato como um objeto móvel. Existem coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito com intenção humanitária às vezes é cruelmente condenado pela lei. Compreendi que nenhum objeto móvel fora deixado naquele quarto de sótão, e que deixar lá alguma coisa capaz de movimento teria sido um ato tão monstruoso, que um ser responsável que o cometesse mereceria ser condenado ao tormento eterno. Só um fazendeiro fleumático não teria desmaiado ou enlouquecido, e Ammi estava consciente quando atravessou a porta baixa e trancou atrás de si o segredo nefando. Nahum exigia atenção; era preciso alimentá-lo e cuidar dele, e removê-lo para algum lugar onde pudesse ser tratado.

Começando a descer na escuridão, Ammi ouviu um baque embaixo. Teve até mesmo a impressão de ter escutado um grito estrangulado, e, nervoso, lembrou-se da emanação pegajosa, que o roçara, no horrendo quarto de cima. Que presença fora despertada com a sua chegada e o seu grito? Paralisado por um terror indefinido, ouviu outros sons vindos de baixo. Escutou o inconfundível ruído de algo pesado sendo arrastado e um barulho detestavelmente viscoso, como de alguma sucção diabólica e imunda. Com um sentido de associação elevado até uma altura febril, lembrou-se inexplicavelmente do que vira em cima. Bom Deus! Que

mundo espectral era este que invadira? Não ousou avançar nem recuar, mas ficou parado a tremer na curva negra da escadaria embutida. Os menores detalhes da cena estavam gravados a fogo em seu cérebro. Os ruídos, a sensação de espera aterrorizada, as trevas, os íngremes e estreitos degraus e — Senhor dos céus! — a leve mas inconfundível luminosidade de todo o madeirame visível: degraus, corrimãos, ripas e vigas expostas.

Ouviu, então, um relincho frenético do cavalo que deixara à porta, seguido, imediatamente, por um galopar que denunciava uma fuga desenfreada. Em poucos momentos, charrete e cavalo estavam fora do alcance de sua voz, deixando o homem amedrontado na escada a pensar na causa da fuga. Mas isto não era tudo. Ouvira-se um outro ruído lá fora. Uma espécie de pancada líquida — água — devia ter sido o poço. Deixara "Herói" desamarrado perto do poço e uma roda da charrete devia ter roçado a amurada e derrubado uma pedra. E a pálida fosforescência continuava a emanar daquele detestável madeira me antigo. Senhor, como era velha a casa! Na maior parte construída antes de 1670, e o telhado de mansarda não mais tarde do que 1730.

Ouvia-se agora distintamente um leve arranhar no assoalho, do rés-do-chão, e Ammi crispou a mão em torno da pesada vara que apanhara no sótão, com algum propósito. Recobrando o ânimo aos poucos, terminou a descida e dirigiu-se resolutamente para a cozinha. Mas não completou a caminhada, pois aquilo que procurava não mais se achava lá. Viera ao seu encontro e, de certa forma, ainda vivia. Se viera rastejando ou se fora arrastado por forças externas, Ammi não podia distinguir; mas a morte ali estivera. Tudo acontecera na

última meia hora, mas o colapso, a cor cinzenta e a desintegração estavam bem adiantados. A deterioração era horrenda, e fragmentos secos estavam se descamando. Ammi não teve coragem para tocar a coisa, mas olhou horrorizado para a paródia que fora um rosto. "Que foi, Nahum, que foi?" sussurrou, e os lábios rachados e intumescidos mal conseguiram balbuciar uma última resposta:

— Nada... nada... a cor... queima... fria e molhada, mas queima... vivia no poço... Eu vi... uma espécie de fumaça... igual às flores da última primavera... o poço brilhava de noite... Thad e Merwin e Zenas... tudo quanto vivia... sugando a vida de tudo... naquela pedra... deve ter vindo naquela pedra... envenenou tudo... não sei o que quer... aquela coisa redonda que os homens da universidade tiraram da pedra... quebraram ela... era da mesma cor... a cor das flores e das plantas... deve ter havido mais... sementes... sementes... elas cresceram... vi pela primeira vez esta semana... deve ter pegado o Zenas de jeito... era um rapaz grande, cheio de vida... pega o cérebro da gente e não larga mais... queima a gente... na água do poço... você tinha razão... água ruim... Zenas não voltou do poço... não se pode fugir... pega a gente... mesmo sabendo que a coisa está vindo não se pode fugir... vi muitas vezes desde que Zenas foi agarrado... onde está Nabby, Ammi?... minha cabeça está ruim... não sei quando foi a última vez que lhe dei comida... ela também se vai, se a gente não toma cuidado... só uma cor... a cara dela vai ficando daquela cor, às vezes, de noite... e queima e suga... vem de algum lugar onde as coisas não são como aqui... foi um dos professores que disse... ele tinha razão... cuidado, Ammi, vai acontecer

mais alguma coisa... suga a vida...

E isto foi tudo. Aquilo que falara não podia falar mais porque acabava de se desintegrar. Ammi pôs uma toalha de mesa, de xadrez vermelho, sobre o que restara, e saiu cambaleando pela porta dos fundos, para o campo. Subiu a encosta até o pasto e aos tropeços foi para casa, pela estrada do norte e a floresta. Não se sentia com ânimo de passar pelo poço de onde fugira seu cavalo. Olhara pela janela e vira que não faltava uma só pedra da amurada. Isto queria dizer que a charrete não deslocara coisa alguma, afinal, a causa da pancada n'água fora outra — algo que entrou no poço depois de ter dado cabo do pobre Nahum...

Quando Ammi chegou em casa, o cavalo e o carro já haviam chegado, deixando sua mulher refém da maior ansiedade. Tranqüilizando-a, sem maiores explicações, pôs-se imediatamente a caminho de Arkham e informou as autoridades de que a família Gardner não mais existia. Não ofereceu detalhes, mas apenas deu conhecimento das mortes de Nahum e Nabby — a de Thaddeus já era conhecida — e mencionou que a causa parecia ser o estranho mal que exterminara os animais. Declarou também que Marwin e Zenas haviam desaparecido. O interrogatório no posto policial foi cerrado, e por fim Ammi foi obrigado a acompanhar três guardas até a casa dos Gardner, juntamente com o magistrado especial, o médico legista e o veterinário, que tratara dos animais doentes. Seguiu muito contra a vontade, pois a tarde estava adiantada e ele temia o cair da noite naquela casa maldita, mas sentiu-se até certo ponto confortado, por estar em companhia de tanta gente.

Os seis homens seguiram em uma carroça, atrás da

charrete de Ammi, e chegaram à fazenda infestada cerca das dezesseis horas. Embora acostumados a experiências dantescas, nenhum dos policiais ficou indiferente às coisas encontradas no sótão e sob a toalha vermelha, no rés-do-chão. Todo o aspecto da fazenda, em sua desolação cinzenta, já era terrível bastante, mas aqueles dois objetos deteriorados excediam a tudo. Ninguém conseguiu fitá-los por muito tempo, e mesmo o médico legista admitiu que havia muito pouco para ver. Os espécimes podiam, naturalmente, ser analisados, e portanto ele se dedicou a obtê-los — e mais tarde ocorreu um intrigante episódio no laboratório da universidade, para onde foram finalmente levados os dois frascos contendo o pó. Sob o espectroscópico, ambas as amostras apresentaram um espectro desconhecido, no qual muitas das esquisitas faixas eram exatamente iguais às que o estranho meteoro apresentara, no ano anterior. A propriedade de emitir esse espectro desapareceu em um mês, passando a poeira a constituir-se, a partir de então, principalmente de fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi nada teria revelado a respeito do poço, se soubesse que os homens estavam dispostos a ocupar-se dele imediatamente. O pôr do sol se avizinhava e ele estava ansioso para sair de lá. Mas não pôde deixar de olhar para a amurada de pedras, perto da grande cegonha, e quando um detetive o interrogou a respeito, admitiu que Nahum temia algo dentro do poço, a ponto de jamais lhe ter ocorrido examiná-lo à procura de Merwin ou Zenas. Depois disso, não queriam saber senão de esvaziar e explorar o poço sem delongas, e assim Ammi teve que esperar, trêmulo, enquanto balde após balde, de água fétida, era levantado e derramado no solo

encharcado. Os homens, enojados, fungavam à vista do líquido, e, já no fim, taparam seus narizes contra o odor fétido que estavam trazendo à luz do dia. O trabalho demorou muito menos do que pensaram, pois o nível da água estava surpreendentemente baixo. Não há necessidade de falar do que encontraram exatamente. Merwin e Zenas estavam ambos lá, em parte, embora os vestígios fossem principalmente esqueléticos. Encontraram também um pequeno veado e um cachorro grande, aproximadamente no mesmo estado, e um grande número de ossos de animais pequenos. O limo e o lodo no fundo pareciam inexplicavelmente porosos e borbulhantes, e um homem que desceu com uma longa vara, pôde enterrá-la até qualquer profundidade, dentro da lama no fundo, sem encontrar obstáculo sólido.

O crepúsculo caíra agora e lampiões foram trazidos da casa. Depois, quando viram que nada mais obteriam do poço, todos foram para dentro conferenciar na velha sala de estar, enquanto a luz intermitente da espectral meia lua derramava-se pàlidamente sobre a desolação cinzenta lá fora. Os homens estavam francamente perplexos com todo o caso e não sabiam como encontrar um elemento comum convincente que estabelecesse uma ligação entre as estranhas condições vegetais, a misteriosa doença dos animais e dos seres humanos, e as inexplicáveis mortes de Merwim e Zenas no poço contaminado. É verdade que ouviram o que dizia o pessoal da região, mas não podiam acreditar que houvesse ocorrido algo contrário às leis da natureza. Sem dúvida, o meteoro envenenara o solo, mas a doença das pessoas e animais, que nada comeram do que fora plantado naquele solo, era outra coisa. Teria sido a água

do poço? Bem possível. Talvez fosse uma boa idéia analisá-la. Mas que espécie de loucura poderia ter levado os dois rapazes a saltarem no poço? Seu ato foi tão semelhante — e os fragmentos mostravam que ambos sofriam da morte cinzenta. Por que tudo estava tão cinzento e deteriorado?

Foi o magistrado, sentado à janela que dava para o pátio, que primeiro notou a fosforescência em torno do poço. A noite cairá plenamente, e todo o horrendo local parecia levemente luminoso, não apenas graças aos incertos raios de luar; esse novo fulgor era algo de definido e distinto e parecia emanar do poço negro, como a luz abafada de um holofote, com reflexos opacos nas pequenas poças da água despejada. Sua cor era muito esquisita, e quando todos os homens se agruparam junto à janela, Ammi teve um sobressalto violento. Pois as estranhas irradiações do horrendo miasma eram de um matiz que não lhe era desconhecido. Vira essa cor anteriormente e temia o que ela pudesse significar. Vira-a no frágil glóbulo no aerólito, de há dois verões, na repelente vegetação da primavera, e pensara tê-la visto por um momento naquela mesma manhã, na pequena janela gradeada daquele terrível quarto de sótão, onde haviam ocorrido coisas inomináveis. Resplendera ali por um segundo e a seguir sentira-se roçado por uma emanação viscosa e nojenta — e depois o pobre Nahum fora destruído por alguma coisa da mesma cor. Foi o que ele dissera no fim — que haviam sido o glóbulo e as plantas. A seguir viera a fuga no pátio e o ruído no poço — e agora esse poço lançava, noite adentro, um raio pálido e insidioso da mesma cor demoníaca.

Merece louvor a agudeza da inteligência de Ammi,

por estar, mesmo naquele momento tenso, a refletir sobre um ponto de natureza essencialmente científica. Não podia deixar de se admirar de ter obtido impressão idêntica, de uma emanação em pleno dia, diante de uma janela aberta para o céu matinal, e de uma exalação noturna, vista como uma neblina fosforescente contra uma paisagem negra e crestada. Não estava certo — era contra a natureza — e ele recordou-se das últimas e terríveis palavras do amigo moribundo: "...vem de algum lugar onde as coisas não são como aqui... foi um dos professores que disse...".

Todos os três cavalos, amarrados a um casal de árvores ressequidas perto da estrada, estavam agora relinchando e escoiceando freneticamente. O condutor do carro encaminhou-se para a porta, a fim de tomar alguma providência, mas Ammi colocou-lhe a mão trêmula no ombro:

— Não vá lá — sussurrou. — Tem coisas que a gente não conhece. Nahum disse que alguma coisa vivia no poço e que sugava a vida. Ele disse que devia ser alguma coisa que cresceu de uma bola redonda, como aquela que vimos no meteoro que caiu, fez um ano em junho. Suga e queima, disse ele, e não é mais que uma nuvem de cor, como aquela luz lá fora, que quase não se vê e que ninguém sabe o que é. Nahum pensava que ela se alimenta de tudo que é vivo e vai ficando cada vez mais forte. Ele disse que viu na semana passada. Deve ser alguma coisa lá de longe no céu, igual à pedra do meteoro, como disseram os homens da universidade, no ano passado. Não é do feitio das coisas do mundo de Deus. É alguma coisa de outro lugar.

E assim, os homens pararam indecisos, enquanto a

luz do poço tornava-se cada vez mais intensa, e os cavalos amarrados escoiceavam e relinchavam em uma excitação cada vez maior. Foi verdadeiramente um momento horrendo, com o terror reinando dentro daquela casa velha e amaldiçoada, quatro monstruosas pilhas de fragmentos — dois da casa e dois do poço — no alpendre dos fundos, e aquele raio de iridiscência desconhecida e medonha, das profundezas lodosas, em frente da casa. Ammi detivera o condutor, movido por um impulso, esquecendo-se de que ele mesmo saira intacto do encontro com o vapor colorido, no quarto do sótão, mas é provável que tivesse agido bem. Ninguém jamais saberá o que rondava a casa naquela noite; mesmo que a maldição do além não tivesse, até então, atacado algum ser humano que não estivesse com a mente já debilitada, não se podia prever o que faria no último momento, com sua força aparentemente aumentada e com os sinais de sua intenção, que brevemente veríamos sob o céu meio-nublado e enluarado.

Subitamente, um dos detetives perto da janela teve um sobressalto abrupto. Os outros fitaram-no e rapidamente seguiram-lhe o olhar para cima, onde por acaso fora olhar. Não havia necessidade de palavras. O que fora discutido em conversas locais já não era mais discutível, e é por causa daquilo que todos, em sussurros, afirmaram ter visto, o que jamais se fala dos dias estranhos em Arkham. É necessário deixar claro, antes de mais nada, que não havia vento naquela hora da noite. Ventou mais tarde, mas aquele momento era de absoluta calmaria. Mesmo as pontas secas das plantas, cinzentas e doentias, e a franja da coberta da carroça estavam imóveis. E não obstante, em meio a essa calmaria tensa e

demoníaca moviam-se os galhos nus de todas as árvores do pátio. Contorciam-se mórbida e espasmodicamente, procurando alcançar as nuvens enluaradas em uma loucura convulsiva e epilética; arranhando, impotentes, o ar peçonhento, como que articuladas por uma linha de comunicação com horrores subterrâneos que se retorciam e se debatiam, debaixo de suas negras raízes.

Durante vários segundos ninguém sequer respirou. Depois, uma nuvem de tom mais escuro devorou a lua e a silhueta de galhos desapareceu momentaneamente. O fato provocou uma exclamação geral, abafada pelo terror, mas rouca e quase idêntica. Pois o pavor não desapareceu com a silhueta, e em um instante horrível de escuridão profunda, os observadores viram, à altura das copas das árvores, mil pequenos pontos de radiação fraca e fantasmagórica, encimando cada ramo como o fogo de Santelmo ou as chamas que desceram às cabeças dos apóstolos, em Pentecoste. Era uma constelação monstruosa de luz desnatural, como um enxame de vaga-lumes intumescidos de carniça, a dançarem sarabandas infernais em um pântano monstruoso, e a sua cor era a mesma intrusão inominável que Ammi aprendera a reconhecer e a recear. Durante todo esse tempo, o facho de fosforescência do poço tornava-se cada vez mais intenso, invadindo as mentes dos homens encolhidos, com uma sensação de perdição e anormalidade, que excedia de muito qualquer imagem que suas consciências poderiam formar. A luz não mais estava emanando do poço, e sim derramando-se para fora; e à medida que a corrente informe de cor não identificável saía do poço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário estremeceu e foi até a porta da frente para reforçá-la com a barra de ferro especial. Ammi não tremia menos; faltando-lhe a voz, teve que cutucar e apontar quando queria chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores. O relinchar e espernear dos cavalos tornara-se assustador, mas nenhuma só alma do grupo na velha casa ter-se-ia aventurado a sair, por qualquer recompensa material. Com a passagem dos minutos, a luminosidade das árvores aumentou, enquanto seus ramos agitados pareciam cada vez mais procurar atingir a verticalidade. A madeira da cegonha do poço brilhava agora, e, daí a pouco, um oficial apontava, mudo, para alguns alpendres de madeira e colméias perto do muro de pedras do lado oeste. Estavam começando a brilhar, se bem que os veículos dos visitantes parecessem ainda inafetados. Depois, houve uma violenta comoção e o ruído de cascos na estrada, e quando Ammi apagou o lampião para ver melhor, compreenderam que a frenética parelha quebrara a árvore e ia fugindo com a carroça.

O choque soltou as línguas de alguns e houve uma troca de sussurros embaraçados. “A coisa atinge tudo que é orgânico,” murmurou o médico legista. Ninguém respondeu, mas o homem que estivera no poço deu a entender que despertara algo de intangível com a vara. “Foi horrível” — acrescentou. — “Não tinha fundo. Apenas lodo e bolhas e a sensação de alguma coisa espreitando lá em baixo”. O cavalo de Ammi continuava a espernear e a urrar de forma ensurdecedora lá na estrada, quase abafando a voz trêmula de seu proprietário, que tartamudeava suas reflexões incoerentes:

— Veio daquela pedra... cresceu lá embaixo... pegou todos os seres vivos... sugava-lhes corpo e alma... Thad e Merwin, Zenas e Nabby... Nahum foi o último... todos beberam da água ... dominou eles... veio do além, onde as coisas não são como aqui... e agora volta para lá...

Nesse momento, enquanto a coluna de cor misteriosa começava a brilhar com mais intensidade, formando contornos fantásticos, mais tarde descritos de maneira diferente por todos os espectadores, o pobre "Herói", amarrado, emitiu um som que homem algum já ouviu ou ouvirá, provindo de um cavalo. Cada uma das pessoas naquela pequena sala tapou os ouvidos, e Ammi virou as costas à janela, dominado pelo horror e pela náusea. Não há palavras para descrevê-lo — quando Ammi tornou a olhar para fora, o infeliz animal estava caído no solo, coberto de luar, entre as lanças estilhaçadas da charrete. Este foi o fim de "Herói", até que o enterraram no dia seguinte. Mas no momento não havia tempo para choros, pois naquele mesmo instante um detetive silenciosamente chamou atenção para algo terrível, dentro do próprio quarto. Na ausência da luz de lampião, uma leve fosforescência começara a invadir todo o recinto. Brilhava nas tábuas largas do assoalho e no fragmento de tapete, e bruxuleava nos caixilhos das pequenas vidraças. Subia e descia pelas vigas expostas e coruscava sobre a estante e o consolo da lareira, e contaminava até as próprias portas e a mobília. Aumentava de minuto em minuto e, por fim, tornou-se claro que os seres vivos normais tinham de abandonar a casa.

Ammi mostrou-lhes a porta dos fundos e o caminho através dos campos, até o pasto de dez acres.

Andando e cambaleando como em sonho, não ousaram olhar para trás até estarem bem no alto. Ficaram satisfeitos por terem encontrado a rota, pois não teriam podido sair pela frente e passar perto daquele poço. Já era terrível passar pelo celeiro, os alpendres ardentes e as brilhantes árvores do pomar, com seus contornos retorcidos e demoníacos; mas, graças aos céus, os galhos procuravam apenas alcançar o alto. A lua desapareceu atrás de pesadas nuvens negras, enquanto atravessavam a rústica ponte sobre o Córrego Chapman, e de lá, até o campo aberto, andaram às cegas.

Quando olharam para trás, para o vale e a distante casa dos Gardner, em baixo, viram um espetáculo horrendo. A fazenda toda irradiava a hedionda e misteriosa mescla de cores: árvores, construções, e mesmo a grama e os arbustos que ainda não haviam adquirido totalmente a letal fragilidade cinzenta. Todos os ramos erguiam-se para o céu, encimados por pontas de repelentes labaredas, e filetes tremulantes do mesmo fogo rastejavam pelas cumieiras da casa, do celeiro e dos alpendres. Era uma cena de uma visão de Fuseli, e acima do resto, reinava essa orgia de luminosa amorfia, esse misterioso arco-íris, sem dimensões, do veneno críptico do poço — fervilhando, tateando, lambendo, cintilando, forçando e borbulhando malignamente em seu cromatismo cósmico e irreconhecível.

A seguir, sem aviso, o hediondo objeto disparou verticalmente para o céu, como um foguete ou um meteoro, não deixando qualquer rastro atrás de si e desaparecendo por um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens, antes que qualquer um dos homens pudesse recuperar o alento ou soltar uma exclamação.

Nenhum espectador jamais poderá esquecer essa visão, e Ammi lançou um olhar vago para as estrelas de Cisne, com Deneb cintilando mais do que as outras, onde a cor desconhecida se fundira na Via Láctea. Mas o seu olhar foi rapidamente atraído para a terra, pelos estalidos no vale. Foi exatamente isso. Apenas o som de madeira se estilhaçando e estalando, e não uma explosão, como muitos do grupo asseveraram. Mas o resultado foi o mesmo, pois em um instante febril e caleidoscópico, jorrou daquela fazenda condenada e maldita um cataclismo brilhante e eruptivo de fagulhas e substância que não eram deste mundo; cegando o olhar dos poucos que o viram e enviando ao zênite uma chuva de fragmentos tão fantásticos e coloridos que o nosso universo precisa repudiá-la. Através de vapores, que se fechavam rapidamente à sua passagem, os fragmentos seguiram a grande monstruosidade desaparecida, e no mesmo segundo também desapareceram. Atrás e abaixo, só havia as trevas as que os homens não ousavam regressar, e em torno deles soprava um vento crescente que parecia levar-lhes rajadas negras e gélidas do espaço sideral. Gemia e uivava, flagelando os campos e três bosques deformados em um louco frenesi cósmico, até que o trêmulo grupo compreendeu ser inútil esperar a volta da lua para mostrar o que restara das terras de Nahum.

Por demais amedrontados para sequer pensarem em teorias, os sete homens, a tremer, voltaram para Arkham pela estrada do norte. Ammi estava pior do que os seus companheiros, e implorou-lhes para acompanhá-lo até sua cozinha, ao invés de seguirem diretamente para a cidade. Não queria atravessar sozinho os bosques

enfezados e castigados pelo vento, até sua casa, na estrada principal. Pois tivera um choque de que os outros haviam sido poupados, e ficou esmagado para sempre por um medo sombrio, que ele não ousou mencionar durante anos. Enquanto os outros espectadores naquela colina tempestuosa haviam voltado seus rostos firmemente para a estrada, Ammi lançara um olhar para trás, por um momento, ao vale de sombras e desolação que até há pouco ainda abrigara o seu infeliz amigo. E daquele lugar afligido e longínquo, vira algo erguer debilmente, apenas para tornar a cair no mesmo lugar de onde o disforme e imenso horror se lançara aos céus. Era apenas uma cor — mas nenhuma cor de nossa terra ou de nosso céu. E porque Ammi reconheceu essa cor, e sabia que o último remanescente devia estar à espreita, dentro do poço, nunca mais voltou a ser o mesmo.

Ammi Jamais voltou ao lugar. Já fazem quarenta e quatro anos desde o horror, mas nunca mais foi lá, e há de ficar contente quando o novo reservatório obliterar tudo. E também eu ficarei contente, pois não me agradou o modo como a luz do sol mudou de cor em torno da boca do poço pelo qual passei. Espero que a água seja bem funda — mesmo assim, porém, jamais hei de bebê-la. Acho que não voltarei a visitar a região de Arkham. Três dos homens que haviam estado com Ammi retornaram na manha seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de verdade. Apenas os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns resíduos minerais e metálicos aqui e acolá e a amurada no nefando poço. Com exceção do cavalo morto de Ammi, que eles levaram de arrastão e enterraram, e a charrete que pouco depois lhe devolveram, tudo quanto era vivo

desaparecera. Restaram apenas cinco acres desertos, de poeira cinzenta, e nada voltou a crescer ali. Até o dia de hoje, estende-se sob o céu como uma grande cicatriz, deixada por algum ácido nos bosques e nos campos, e os poucos que ousaram visitá-lo, apesar das lendas rurais, apelidaram-no de “a charneca crestrada”.

As lendas rurais são esquisitas. Poderiam ter sido ainda mais esquisitas se os homens da cidade e os químicos da universidade quisessem analisar a água do poço em desuso ou a poeira cinzenta que vento algum parece capaz de dispersar. Os botânicos, também, deveriam estudar a flora enfezada, nas bordas da cicatriz, pois poderiam lançar luz sobre o pensamento geral de que a praga está se espraiando —pouco a pouco, talvez uma polegada por ano. Diz a gente que a cor dos arbustos circunvizinhos, na primavera, não é bem normal, e que os animais silvestres deixam estranhas pegadas na tênue neve de inverno. A neve nunca parece tão pesada na charneca crestada, como em outros lugares. Os cavalos — os poucos que restaram nesta era motorizada — tornam-se assustadiços no vale silencioso; e os caçadores não podem depender de seus cães, muito perto da mancha de poeira cinzenta.

Dizem também que a influência mental é ruim; muitos ensandeceram nos anos após a morte de Nahum, e sempre lhes faltou a força de vontade para se mudarem. Depois, a gente mais forte deixou a região, e apenas os estrangeiros tentaram morar nas velhas casas arruinadas. Todavia, não conseguiram ficar, e freqüentemente fica-se a pensar que idéias lhes terão dado as histórias sussurradas de fantástica magia. Seus sonhos de noite, afirmam eles, são horríveis naquela

região grotesca; e não há dúvida até que a simples visão daquele reino tenebroso é suficiente para despertar mórbidas fantasias. Viandante algum conseguiu fugir à sensação de estranheza, naquelas profundas ravinas, e os artistas tremem enquanto pintam densos bosques cujo mistério fere tanto o espírito como o olhar. Eu próprio estou curioso a respeito da sensação que me deu o meu passeio solitário, antes de ouvir o relato de Ammi. Ao cair da noite, desejei vagamente que o céu se cobrisse de nuvens, pois sentira a alma invadida por um estranho receio diante do grande vazio celeste, acima de minha cabeça.

Não me peçam minha opinião. Não sei — eis tudo. Não havia senão Ammi para ser interrogado, pois a gente de Arkham não fala sobre os dias estranhos, e todos os três professores que viram o aerólito e o seu glóbulo colorido estão mortos. Houve outros glóbulos — podem estar certos. Um deve se ter alimentado, fugindo em seguida, e provavelmente um outro chegou tarde demais. Sem dúvida ainda está dentro do poço — sei que havia algo de errado com a luz do sol que vi acima do precipício miásmico. Os camponios dizem que o mal avança uma polegada por ano; é possível, pois, que haja algum crescimento ou alimentação ainda agora. Mas qualquer que seja a excrescência diabólica, ela deve estar presa a alguma coisa, de outra forma estaria se espraiando rapidamente. Estará agarrada às raízes das árvores que se estendem para o céu? Uma das lendas correntes em Arkham é de grossos carvalhos que brilham e se agitam de noite, de forma anormal.

O que seja, apenas Deus sabe. Em termos de matéria, acho que a coisa descrita por Ammi seria

chamada de gás, mas esse gás obedecia a leis que não são do nosso cosmos. Não era o fruto de um dos mundos e sóis que reluzem nos telescópios e nas chapas fotográficas de nossos observatórios. Não era um hálito dos céus cujos movimentos os nossos astrônomos medem ou consideram vastos demais para medir. Era apenas uma cor vinda do espaço — um mensageiro pavoroso de regiões amorfas do infinito, de uma natureza desconhecida por nós; de regiões cuja simples existência atordoa o cérebro e nos entorpece com os negros abismos extra cósmicos que abrem-se diante de nossos olhos.

Duvido muito que Ammi tenha mentido conscientemente, e não acho que o seu relato tenha sido apenas fruto da loucura, como me havia prevenido a gente da região. Algo de terrível chegou às colinas e aos vales naquele meteoro, e algo de terrível — mesmo que não saiba a sua proporção — ainda permanece. Ficarei satisfeito com a chegada das águas. Entrementes, espero que nada aconteça a Ammi. Ele viu tanto da coisa — e a sua influência foi tão insidiosa. Por que jamais conseguiu mudar-se? Com que clareza se lembrava das últimas palavras de Nahum — "não se pode fugir... pega a gente... mesmo sabendo que a coisa está vindo não se pode fugir..." Ammi é um velho tão bom; quando a turma do reservatório começar os trabalhos preciso escrever para o engenheiro-chefe pedindo-lhe que não tire os olhos de cima dele. Não gostaria de pensar em Ammi como a monstruosidade cinzenta, deteriorada e deformada, que cada vez mais perturba o meu sono.